

OLÍVIO JEKUPÉ*:
LITERATURA INDÍGENA NAS ESCOLAS¹Thays Xavier Campos de MIRANDA[√]**RESUMO**

A literatura indígena desvela um mundo de magia e encanto para os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Ela é uma oportunidade dos discentes conhecerem as tradições e a cultura dos primeiros povos que habitaram o nosso continente. A necessidade de se conhecer a escrita autóctone se torna cada vez mais premente uma vez que ela faz parte da identidade do povo brasileiro. Desta forma, analisaremos a obra de Olívio Jekupé um indígena guarani que escreve para o público infanto-juvenil e evidencia, em seus livros, uma ligação forte com a terra, especialmente, com os aspectos da natureza, bem como o uso da Língua Guarani com tradução ao Português e a presença de muitas ilustrações. A reafirmação da identidade indígena comparece na obra por meio da utilização da língua materna, das narrativas, que apresentam a tradição, e da importância que as imagens e as cores assumem nas histórias. Nesse sentido, a figuração do Saci, apresentado em confronto com a tradição, revela um personagem integrado à natureza, personificando o espírito da floresta. Os discentes terão a oportunidade de presenciar o indígena narrando a sua própria história, antes narrada por antropólogos e sociólogos, e agora se propõe a escrever as experiências de seu povo, as quais são passadas, oralmente, pelos mais antigos. A obra de Olívio Jekupé é um exemplo dessa literatura, que possibilita estimular o imaginário do discente, uma vez que recria toda a riqueza cultural que envolve o indígena, o seu amor e a grande ligação com a natureza.

Palavras-chave: Literatura Indígena. Ensino Fundamental. Olívio Jekupé. Identidade Indígena.

* Artigo recebido em 30/04/2024 e aprovado em 01/07/2024.

¹ Este artigo é fruto de pesquisas oriundas da dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira defendida em 2019 pela autora.

[√] Mestre em Letras pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia - Juiz de Fora). Possui o diploma Básico de Língua Espanhola expedido pela Universidade de Salamanca (Espanha) e Superior expedido pelo Instituto Cervantes. É pesquisadora de Literatura Indígena e escritora, possui dois livros publicados: "Diluição de fronteiras: a identidade literária indígena renegociada" e o livro infantojuvenil "Sacis". Tem experiência como ledora para alunos que apresentam situação especial. E-mail: <thaysxcmir@gmail.com>

1 INTRODUÇÃO

O docente, ao trabalhar com a literatura indígena na sala de aula, descortina preconceitos arraigados durante décadas de que o autóctone não teria condições de representar a si próprio e ao seu povo. A literatura escrita pelo indígena se torna uma leitura atrativa para docentes e discentes uma vez que possibilita ao professor e ao aluno conhecerem as histórias e a cultura de um povo milenar que somente nos tempos atuais estão sendo divulgadas por meio de seus escritos. Visando a importância de se difundir as obras de indígenas para alunos em escolas públicas e privadas é interessante realizar um panorama de como surgiu a literatura indígena e porque demorou tanto tempo para que o autóctone rompesse preconceitos. Desta forma, o indígena além de possuir o arco e a flecha como arma física, seu instrumento de batalha e caça, fez da palavra, sua arma ideológica, um verdadeiro instrumento de luta e de difusão de sua cultura.

Durante muito tempo, a Literatura Brasileira representava os povos originários de acordo com o olhar do homem branco, que possuía o ponto de vista do ocidental. Além de nomear a terra, o colonizador, ao chegar ao Novo Mundo, quis lavrar o nativo de acordo com o olhar do Velho Mundo. Assim, lançaram-se sobre o autóctone as marcas políticas e culturais da Europa, ao criar outra imagem do indígena não como ele era, mas como o europeu quis retratá-lo. Ao chegar às novas terras, o europeu recriou o indígena e como o Livro de Gênesis, presente no Velho Testamento, diz: “Criou Deus, pois, a sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. (BÍBLIA, 2008, p. 4). O europeu idealizou um retrato de um nativo de acordo com sua perspectiva, fato irreal, como se pôde, mais tarde, comprovar nos relatos escritos por autores não indígenas. Nesse sentido, o indígena é visto como um indivíduo desprovido de história e, conseqüentemente, de identidade, algo descoberto e incorporado ao universo do europeu; por isso, surge a necessidade de sua pacificação.

Segundo Janice Cristine Thiél (2012, p. 19):

A pacificação, necessária para a realização dos projetos de grupos específicos de colonizadores, envolve estratégias militares, conversão, reeducação ou exclusão. Como consequência, a manifestação cultural e literária dos índios é menosprezada, considerada exótica ou primitiva, apagada ou recriada por um olhar e um discurso não indígena.

A autora afirma que os primeiros séculos caracterizaram-se pela posse e ocupação das novas terras; nos séculos seguintes, XVIII e XIX, os bandeirantes ocuparam e ampliaram o território; e, no século XIX, houve, por parte de escritores, a construção de um passado mítico na tentativa de formação de uma identidade nacional.

Dessa forma, no século XIX, o nativo se transforma em um personagem ideal para a construção da identidade nacional. Autores não indígenas passam a retratar o indígena de acordo com seu olhar e fizeram dele um herói, como mostram os poemas do escritor Gonçalves Dias que possuía descendência indígena. O escritor produz, assim, os poemas **O Canto do Guerreiro** e **I-Juca Pirama**. Na fase do Romantismo, autores buscam posições de retorno à mãe natureza, refúgio ao passado e reinvenção do bom selvagem, constante desde os árcades. Dessa forma, Gonçalves Dias escreve poesias, no intuito de contrapor à malícia e à hipocrisia do europeu diante da simplicidade do indígena, exaltando a coragem do indígena nos poemas mencionados anteriormente. As marteladas, nas tiradas de coragem, é característica marcante em **I-Juca Pirama**, conforme se pode observar na seguinte estrofe:

Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.
(DIAS *apud* BOSI, 2006, p. 113).

Desde a chegada dos colonizadores, o indígena sempre foi representado pelo olhar do outro, moldado segundo os conceitos e objetivos de uma classe que queria cristianizar os nativos, como narrado no livro **O Guarani**, de Alencar (2012), em que o autor o descreve com traços nobres, como se pode observar no seguinte fragmento: “A fisionomia do índio se tinha decomposto; seus traços nobres alterados por contrações violentas, o rosto encovado, os lábios roxos, os dentes que se entrechocavam, os cabelos eriçados davam-lhe um aspecto medonho” (ALENCAR, 2012, p. 313), sendo que o nativo Peri se converte ao cristianismo:

– Peri quer ser cristão! – exclamou ele.

D. Antônio lançou-lhe um olhar úmido de reconhecimento.

– A nossa religião permite – disse o fidalgo – que na hora extrema todo homem possa dar o batismo. Nós estamos com o pé sobre o túmulo. Ajoelha, Peri!

O índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça.

– Sê cristão! Dou-te o meu nome.

Peri beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe apresentou e ergueu-se altivo e sobranceiro, pronto a afrontar todos os perigos para salvar a senhora (ALENCAR, 2012, p. 340).

As obras produzidas pelos não indígenas, versando sobre o indígena, foram sendo substituídas por narrativas escritas pelos próprios autóctones, que reproduziram o seu modo de viver e pensar. Surgem, por conseguinte, textos de autoria indígena como os do escritor Olívio Jekupé, indígena de origem Guarani-Nhandeva, nascido em 10 de outubro de 1965, em Nova Itacolomy, interior do Paraná.

Olívio Jekupé e sua família usam a escrita de seus livros, palestras e *shows* cantando músicas em Guarani para divulgar a língua e a cultura de seu povo, além de mostrarem a importância de se lutar pela identidade indígena, apagada por uma história de preconceitos e lutas por reconhecimento. Jekupé utiliza os relatos do seu povo contados pelos mais antigos para registrá-los em suas obras. Além de escrever, incentiva não somente os seus filhos, mas também outros indígenas a seguirem os rumos da literatura. Segundo o autor, a escrita é uma forma de fazer com que as pessoas conheçam as tradições das culturas indígenas e, com isso, possam derrubar mitos e inverdades a respeito do modo de vida dos habitantes nativos do país.

2 O ESCRITOR INDÍGENA OLÍVIO JEKUPÉ

Olívio Jekupé publicou vários livros, entre os quais se destacam: **O Saci Verdadeiro** (2002a), **Irandu: o cão falante** (2002b), **Xerekó Arandu: a morte de Kretã** (2002c), **Verá: o contador de histórias** (2003), **Ajuda do Saci Kamba`i** (2006), **Arandu Ymanguaré** (sabedoria antiga) (2008), **Literatura escrita**

pelos povos indígenas (2009), **Tekoa**: conhecendo uma aldeia indígena (2011), **A mulher que virou urutau** (2011) – obra escrita juntamente com sua esposa Maria Kerexu –, **As queixadas e outros contos guaranis** (2013), **500 anos de angústia** (2015), **O Presente de Jaxy Jaterê** (2017), **A volta de Tukã** (2018a), escrito em parceria com Maria Kerexu, sendo que três de suas obras foram publicadas em edições bilíngues, com texto em Português e Guarani.

A obra do escritor Jekupé se mostra importante para a Literatura Brasileira e é de grande relevância que seja analisada dentro de sala de aula pelos docentes e discentes, uma vez que rompe com o anteriormente estabelecido, ou seja, obras que descrevem o autóctone de forma estereotipada, fruto de uma construção identitária do indígena pelo contato com a cultura europeia, desde o período colonial. Ao nativo, é negada sua identidade e, de acordo com Thiél (2012, p. 17, grifo da autora):

Apesar de ter uma história própria, o nativo das Américas nasce para a História Ocidental somente quando é construído nos textos coloniais. A partir de então, recebe seu *registro civil*, mas não tem reconhecidas sua cidadania nem civilidade.

O silêncio que, durante anos, foi imposto ao nativo, que não se calou na fase de colonização usando de sua força física, agora ressurgiu como outro instrumento de luta: **a palavra**.

Mostra-se necessário que as escolas tanto públicas quanto privadas adotem livros escritos por indígenas e façam com que crianças e adolescentes conheçam as histórias dos primeiros habitantes de nossa terra. Os relatos dos povos originários, antes passados somente de forma oral, se encontram, nos dias atuais, descritos em livros por meio de interpretações de autores indígenas como Daniel Munduruku da etnia Munduruku, Eliane Potiguara da etnia Potiguara, Olívio Jekupé da etnia Nhandeva dentre outros. Tal fato se apresenta como uma oportunidade de desvendar e conhecer essa literatura rica em cultura e peculiaridades.

As obras do autor Olívio Jekupé são classificadas como infantojuvenis por possuírem muitas ilustrações, vocabulário simples, porém quem se depara com uma obra indígena deve enxergar não com um olhar estereotipado e sim livre

de preconceitos. Deve-se desvencilhar-se de amarras e concepções de que o linguajar polido e formal é o correto e tudo aquilo que foge do estabelecido é um equívoco.

O preconceito lingüístico protagoniza diversas consequências sociais, políticas e pedagógicas. Em seu livro **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz, Marcos Bagno (2013, Orelha do livro) relata: é grande “o número de pessoas que se sentem finalmente contempladas em suas expectativas de construir uma sociedade verdadeiramente democrática em que a linguagem de cada cidadão seja valorizada como parte inalienável de sua identidade pessoal e coletiva” diante da vitória de combate do preconceito lingüístico em favor da diversidade cultural brasileira. Perante o exposto é primordial que as especificidades assim como a linguagem empregada nas obras indígenas sejam valorizadas e respeitadas.

O que precisa ser despertado no aluno, ao ler as obras de Olívio Jekupé, está no fato de que ele é estrangeiro na língua portuguesa e que sua língua oficial é o guarani. Como, por muito tempo, as histórias indígenas eram contadas de forma oral dos mais velhos para os mais novos observa-se nas obras deste indígena de origem Guarani-Nhandeva muitas palavras da oralidade.

Tais obras despertarão no aluno uma nova visão de escrita e descortinará seus olhos para uma leitura cheia de encanto e magia que precisa ser respeitada e valorizada. Como o que une uma nação é a língua deve-se impedir que ela crie uma separação entre os povos e busque, pelo contrario, fortalecer os laços de irmandade com a apreciação do diferente. Segundo Magda Soares (2020, p.64),

[...] é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

O letramento assim como a alfabetização nunca deve ser dissociado um do outro e suas especificidades devem ser trabalhadas. Desta forma, deve-se analisar a literatura indígena visando não somente a leitura e sim todo um contexto social que é refletido na própria escrita.

3 FORMAÇÃO DE LEITORES E NÃO DE LEDORES

É importante que as aulas de Português e Literatura para o Ensino Fundamental criem leitores que possam refletir sobre sua leitura e não leitores que somente lêem sem analisar e interpretar o que está sendo lido. Assim, as escolas, ao adotarem a literatura indígena em suas escolas, proporcionarão a seus alunos criarem uma visão crítica para o mundo evoluindo assim para uma leitura diferenciada. Este leitor se verá seduzido a se envolver com uma obra fora dos parâmetros tradicionais da escrita pelo homem branco e descortinará o seu olhar para enxergar o outro com suas nuances e diferenças. De acordo com Dias, Morais, Pimenta e Silva (2012, p.82):

Partindo do pressuposto de que a escola é uma das agências mais importantes de letramentos, a leitura deve ser o eixo norteador de todo processo de ensino e aprendizagem e, por isso, deve ser considerada uma prática voltada para a formação de leitores e não “alfabetizadores”. O leitor precisa ser visto, na perspectiva bakhtiniana, como “responsivo”, isto é, como alguém que adota uma postura de compreensão ativa.

Para isso, é primordial aqui fazer uma breve análise das obras do escritor Olívio Jekupé que escreve livros para o público infantojuvenil uma vez que tais produções se mostram interessantes para o público do Ensino Fundamental.

Uma nova visão tem despontado para retratar a cultura e a tradição indígena, porquanto os povos originários, antes submissos, mostram-se atuantes na Literatura Brasileira contemporânea. Essa nova forma de exercer e apresentar a cultura dos povos originários está presente nas obras de Jekupé, que, por meio da sua escrita e interpretações que faz dos mitos e lendas contados pelos guaranis Nhandeva, divulga para a comunidade não indígena a memória de seu povo, passada de geração em geração e, ao mesmo tempo, reafirma a identidade do indígena ao produzir uma Literatura Nativa.

Olívio Jekupé opta por designar como Literatura Nativa as obras produzidas pelos próprios indígenas. Nessa literatura, a autoria que, apesar de se apresentar pela assinatura individual, está fortemente relacionada à autoria coletiva, uma vez que a escrita indígena está marcada de multimodalidades discursivas, que fazem com que o leitor perceba várias nuances próprias da

Literatura Indígena, criadas pelo encontro da oralidade, da performatividade, da escrita alfabética e da pictográfica.

De acordo com Giovani José da Silva e Anna Maria Ribeiro F. M. da Costa (2018, p. 109):

A Constituição rompeu, portanto, com a tradição secular de integrá-los à sociedade brasileira, quando reconheceu aos índios o direito de manter as próprias culturas, quando passou a reconhecer o direito dos indígenas de continuarem a ser índios.

Desse modo, surgem os primeiros materiais escritos por indígenas. Tal fato se mostra importante, uma vez que, segundo Thiél (2007), os povos originários passam a escrever a sua própria história por meio de uma literatura produzida por ele. Antes, as narrativas indígenas somente eram contadas pela visão do outro e, agora, passam a ser escritas pelo próprio indígena. Esse fato exerce um poder de reafirmação da identidade do indígena e valorização da sua cultura de tradição oral, que, atualmente, passa a ser registrada pela escrita.

Somente após a **Constituição de 1988**, as nações originárias são consideradas como autônomas e sua cultura reconhecida como constitutiva da realidade nacional. A nacionalidade plural e multiétnica é legitimada, e a voz do nativo adquire autonomia e singularidade. Os povos originários agora são livres para se posicionarem e contarem sua história de acordo com suas vivências e modos de vida. Essa Literatura Nativa tem muito a acrescentar para as futuras gerações com suas peculiaridades e riqueza cultural, apesar de ainda ser pouco conhecida (CASEMIRO, 2013).

Segundo Franca e Silveira (2014, p. 68), apesar do caráter inicial didático, a produção literária indígena:

[...] na forma escrita iniciou-se na década de 1980 pela demanda de materiais didáticos utilizados nas escolas indígenas que refletissem a cultura e a realidade de cada povo. Felizmente, com o passar do tempo, a literatura indígena foi assumindo outras características que enriqueceram seu conteúdo. Ela não se limitou ao caráter didático inicial, mas ampliou seu escopo por meio da criação de obras narrativas e poesias.

Sendo assim, a literatura indígena se mostra um importante instrumento para que alunos do ensino fundamental possam interagir com outras culturas na medida em que estão desenvolvendo o seu processo de leitura, ampliando seu vocabulário, conhecendo palavras em guarani, pois o autor Olívio Jekupé de origem Guarani-Nhandeva mescla, no decorrer do seu livro, palavras em guarani e português, utiliza de muitas imagens e relata mitos que o homem branco desconhece. Uma das histórias indígenas seria a do Saci Pererê que na obra de Monteiro Lobado é um menino negro, que usa um gorro vermelho, anda de um pé só e faz travessuras, mas que de acordo com os indígenas guaranis de etnodenominação Nhandeva se chama Jaxy Jaterê e é um menino índio que usa um colar que lhe dá poderes, vive na floresta e é bondoso com as pessoas. Assim, nota-se que a literatura indígena é riquíssima em cultura e despertar os discentes para este mundo tornará as aulas mais divertidas e interessantes além de provocar nos alunos o rompimento de estereótipos criados em relação ao povo originário.

Mostra-se importante trabalhar, nas aulas de Literatura e Língua Portuguesa, a diversidade existente entre os textos do indígena e do branco assim como os diferentes gêneros existentes. No caso das obras do indígena guarani Olívio Jekupé se discute as especificidades próprias de sua produção como vocabulário, ilustrações que na maioria das vezes dizem mais que as palavras, mitos e tradições próprios de seu povo.

4 O DESPERTAR PELA LITERATURA INDÍGENA

O docente ao despertar o gosto nos seus alunos pela literatura indígena, nas séries do ensino fundamental, proporcionará a formação de um leitor crítico que terá a oportunidade de diversificar sua leitura e se deslumbrar com a cultura indígena e o modo de escrever do autóctone. Tal fato dará a oportunidade de os discentes compararem a sua cultura com a do outro, movimento diaspórico, o que ocasionará o desenvolvimento de sua criticidade e desenvolvimento analítico.

De acordo com Magda Soares (2020) em seu livro **Alfabetização e Letramento** é trabalho do professor desenvolver em seus alunos “(...) o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão

das funções da escrita”. (SOARES, p.159). Visando o estudo de diferentes modalidades textuais e gêneros, a literatura indígena se mostra um interessante instrumento para a inserção do aluno ao gosto pela leitura.

Destaca-se a presença do bilinguismo ou biculturalismo no discurso indígena, pois muitos dos textos são elaborados nos dois idiomas, ou seja, do centro e da margem. Como exemplo de escritor que utiliza o bilinguismo (Guarani e Português) em algumas obras, tem-se o escritor indígena Olívio Jekupé, como se pode verificar na tradução do livro **O presente de Jaxy Jaterê** em Guarani (Figura 3):



Figura 1 –O Saci de Olívio Jekupé e a tradução do livro

O presente de Jaxy Jaterê em Guarani.

Fonte: JEKUPÉ, 2017, p. 16-17.

As nuances como também o colorido que retrata a floresta, os animais e a comida existentes na obra do escritor Olívio Jekupé são ricas e devem ser trabalhadas dentro de sala de aula pelos professores. O livro **Multiletramentos na escola** de Dias, Morais, Pimenta e Silva (2012, p.93) reafirma a necessidade de se desenvolver nos discentes uma leitura que extrapole o texto e que escape da concepção de verdade de textos didáticos e científicos. Assim relata:

(...) a própria concepção de aula se ressignifica, na medida em que deixa de ter como base a transmissão oral e escrita da verdade, sistematizada pelo(a) professor(a) e pelos textos didáticos e científicos utilizados. As aulas cheias de bricolagens das semioses: do som, da imagem e da escrita por meio de textos, fotografias, desenhos, pinturas, animações, vídeos, jogos, dentro outros, cujo trajeto seria definido a partir de uma lógica estabelecida e ressignificada pelos alunos e professores. Desta forma, o processo de ensino estaria contribuindo para a construção de uma educação conectada com as necessidades atuais e para a produção de saberes plurais, coletivos e interativos.

É preciso analisar uma obra indígena de acordo com suas textualidades, haja vista que é necessário que ela seja interpretada em sua contextualização cultural e estética. Desse modo, nas obras de Olívio Jekupé, é importante conhecer a leitura do outro (o modo de ver o mundo do indígena é diferente da do não indígena) para depois passar para a leitura de suas obras, ou seja, aprender a ler textos literários de acordo com a outra cultura e tradição literária. Segundo Thiél (2012), no processo da leitura do outro, o leitor manifesta muitas emoções, fato que o leva a uma análise de conhecimento, pois o autor age sobre o leitor, e este cria sentidos a partir do que lê, de acordo com sua identidade e cosmovisão.

Os gêneros, conforme Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 150), são entidades dinâmicas e fluidas, sendo que “[...] tem uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma”. Assim sendo, destaca-se, nas obras indígenas, o gênero narrativo híbrido, composto por relatos míticos, que são vivenciados de forma diferente pelo indígena e pelo não indígena. O mito, algo banalizado no Ocidente, para o autóctone, assume um caráter importante, visto que, por meio dele, o nativo pode explicar o mundo que o cerca: “[...] entendido como verdadeiro saber, o mito fornece as bases que sustentam as relações sociais das comunidades tribais” (THIÉL, 2012, p. 82). Como exemplo de relato mítico, pode-se destacar a obra **A mulher que virou uratau**, em que Jekupé e Kerexu (2011) conta a história da lua. Nota-se, também, em sua obra, o gênero poético, no livro intitulado **500 anos de angústia** (2015), e biográfico, nas obras em que o autor conta um pouco de sua vida quando cursava a faculdade de Filosofia – **Xerekó Arandu: a morte de Kretã** (2002c), e sobre suas lembranças de seu cão, quando o escritor era criança, no livro **larandu: o cão falante** (2002b). Na obra do escritor indígena, ressalta-se a presença do gênero

memorialístico, uma vez que a memória coletiva é representada, em suas obras, por meio de histórias contadas de geração para geração pelos mais velhos. É importante observar que algumas das obras de Jekupé são narrações de mitos pertencentes à comunidade indígena. Thiél (2012, p. 84) assevera: “O entrelaçamento das narrativas do gênero memorialista espelha o hibridismo das textualidades indígenas, que são manifestos da autorrepresentação (autobiografia) e também da cosmorrepresentação (memórias)”.

Na obra **Verá: o contador de histórias** (2003), contudo, há uma perspectiva diferente da obra do autor, pois nela a tarefa de contar os mitos indígenas já não cabe aos mais velhos, pois, nesse livro, as histórias são contadas pelo indiozinho Verá. Assim, pode-se afirmar que essa obra rompe com o paradigma de que somente os mais velhos possuem histórias para contar. Tal fato pode ser comprovado no seguinte fragmento do livro de Jekupé (2003, p. 8): “É comum as pessoas pensarem que apenas os velhos e as velhas, como nossos grandes sábios, têm histórias para contar, mas a que vamos contar é de uma criança muito inteligente, que tinha grande talento para ouvir e criar as suas...”.

Na obra de Jekupé, encontram-se diferentes sujeitos: o sujeito de uma biografia, o sujeito hermenêutico, o sujeito de conhecimento, o sujeito político, o homem, o sujeito transcendental (VICTORIA, 2009, p. 102). O autor é transposto de muitas subjetividades, que o configuram e que lhe permitem exprimir-se de uma forma diferenciada.

O escritor torna-se sujeito de uma biografia quando, em suas obras, relata momentos verídicos de sua vida. É sujeito hermenêutico quando, ao escrever em Língua Portuguesa, interpreta os mitos indígenas de forma a se fazer entender pelos não indígenas. Caracteriza-se como sujeito de conhecimento por reafirmar, em seus escritos, a identidade indígena. É sujeito político por lutar pela valorização da Literatura Nativa e difusão de sua cultura. Por fim, é homem indígena e sujeito transcendental, porquanto suas obras provocarão e impulsionarão um novo olhar para a Literatura Indígena.

Segundo Liliana Patricia Torres Victoria (2009, p. 103):

Pensar en el sujeto de la acción supone, necesariamente atender a los procesos de significación que lo constituyen, a los variados y diversos despliegues del lenguaje en los que tal sujeto es posible y en los que construye el sentido de la acción. En este caso, la noción de sujeto de la acción que subyace, es la de sujeto social con un discurso en construcción en el que se reconoce su potencia como transformador de realidades y cuyo principal desafío se encuentra en la capacidad para reconocerse a sí mismo, desde sí, en sus posibilidades, a partir de lo que es y puede ser según las circunstancias contextuales²

A autoria, nas produções literárias indígenas, pode abranger a produção que expressa uma voz individual do autor ou coletiva. Na obra de Jekupé, a marcação autoral é expressa na voz individual por meio de relato biográfico, reafirmação de sua etnia Nhandeva e seu pensamento político a respeito da situação indígena, como se pode comprovar nos fragmentos a seguir:

– Ser índio não é fácil, estamos condenados à miséria! Nossos líderes são mortos, nossa história é ridicularizada na TV e nossas mulheres estupradas por aí (JEKUPÉ, 2002c, p. 13).

[...] Um Guarani sempre será um Guarani não importa em que país está sua comunidade (JEKUPÉ, 2002c, p. 34).

De algum modo me senti abalado com os temas discutidos em nosso encontro e com a reação das pessoas diante da minha tentativa de tratar um índio como herói por defender seu povo. Tive dúvidas se deveria continuar a faculdade, se deveria continuar a morar naquela cidade. Nesse momento, descobri que precisava partir, dizer ao mundo o que sabia, difundir os ideais de Ângelo Kretã (JEKUPÉ, 2002c, p. 49-50).

A voz coletiva é percebida, uma vez que o autor se utiliza de relato mítico da coletividade indígena para narrar suas histórias, como demonstrado no trecho a seguir:

É importante que todos saibam que na aldeia Krucutu, onde moro, todos falam a língua nativa, desde as crianças até os velhos. Toda a cultura e tradição continuam sendo ensinadas pelos mais velhos porque eles têm muita experiência. São professores, mesmo não sabendo ler ou escrever, pois são mestres na prática e guardam uma sabedoria que vem de muito antigamente (JEKUPÉ, 2003, p. 6).

² Pensar o sujeito da ação supõe, necessariamente atender aos processos de significação que o constitui, às várias e diferentes utilizações da linguagem em que tal sujeito é possível e naqueles que constrói o sentido da ação. Neste caso, a noção de sujeito da ação que prevalece é a do sujeito social com um discurso em construção, em que se reconhece seu poder como transformador de realidades e que seu principal desafio se encontra na capacidade de reconhecer a si mesmo, a partir de si, em suas possibilidades, do que é e pode ser de acordo com as circunstâncias presentes no contexto (VICTORIA, 2009, p. 103, tradução nossa).

As obras do autor indígena são marcadas pelo caráter híbrido, haja vista que as textualidades indígenas são compostas pela oralidade e a escrita. Assim, o escritor transmite para o papel as histórias contadas aos mais novos pelos mais velhos mesclando nas narrativas a sua imaginação com os mitos pertencentes à cultura guarani. Ao escrever, o autor se desapropria de sua obra, e esta passa a ser não mais dele e sim de quem a lê. Eliana Yunes (2002, p. 37) acrescenta: “Conta-se para contar, deixando que flua desencadeada a torrente da palavra que, se já não pertencia ao autor, pertence ainda menos ao contador, depois que a entrega a seu ouvinte”.

Nas obras de Jekupé, notam-se as múltiplas linguagens existentes em suas narrativas como, por exemplo, a visual, a textual, a auditiva e a sinestésica, em que o escritor se utiliza da estilística para criar sensações diferentes. As fantasias afloram no imaginário do leitor, devido às multimodalidades que as textualidades indígenas produzem. O visual se observa no colorido das imagens, que se mostram sempre presentes, proporcionando um olhar diferente por parte do leitor.

De acordo com Thiél (2012, p. 88):

Imagens estão presentes em grande parte dos textos indígenas e há um enredo nos desenhos que lança o leitor para uma rede de significados forjados pela interação de palavra e imagem. Muitas vezes, a palavra escrita, tão privilegiada pela literatura canônica, passa a ser um complemento do elemento visual.

A linguagem textual encontra-se no fato de Jekupé incorporar, em sua narrativa, palavras em Guarani e de algumas de suas obras serem escritas em Língua Portuguesa com tradução em Guarani. Assim, a história **Nunca assuste uma criança**, inserida no livro **Verá: o contador de história**, possui palavras em Guarani que entrecortam a narrativa em Língua Portuguesa, fato que pode ser comprovado no seguinte fragmento: “Todos os dias, a primeira coisa que faziam depois que se levantavam era comer um virado ou outras coisas, como piraretá, avaxi, jety ou mandì³”(JEKUPÉ, 2003, p. 11).

Ao produzir uma identidade ambivalente, o autor se situa na fronteira de dois mundos: a do indígena e a do não índio. As forças opostas se mostram em constante conflito no nativo, dessa forma, acrescenta Thiél (2012, p. 121): “[...]”

³ Peixes, milho, batata-doce, mandioca (JEKUPÉ, 2003, p. 11, tradução do autor).

como um pêndulo, a construção da identidade de um indivíduo oscila. Mas isso acontece conforme seus espaços de circulação e pertencimento, interesse ou necessidades”.

A Identidade fluida ou móvel pode ser observada na biografia e autobiografia relatada nas obras de Jekupé. Tais narrativas se mostram em trânsito, como o próprio autor, proporcionando múltiplas identidades ao provocar movimentos diaspóricos, além de estarem associadas à afirmação indígena das comunidades. Thiél (2012, p. 119) afirma: “[...] o sujeito constrói um eu que se alterna com outros eus, fazendo com que a identidade se torne fluida, móvel”.

Desta forma, pode-se notar a diversidade e as multimodalidades existentes na obra indígena que podem ser observadas pelos alunos e comparadas com a leitura de livros infantojuvenis escritos pelo não indígena. O aluno se aproximará da cultura autóctone e despertará um novo olhar para o indígena. Segundo Dias, Morais, Pimenta e Silva (2012, p.76)

A preocupação dos(as) professores(as) com o aprimoramento das práticas escolares – para adequar o ensino às modificações sociais e à pluralidade cultural – e a articulação do ensino da língua portuguesa nos dois eixos (o uso da língua e o da reflexão sobre seus usos) proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa têm requerido cada vez mais do alunado o refinamento das habilidades de leitura e escrita, de fala e de escuta de gêneros variados presentes nas diversas práticas sociais letradas.

Formar cidadão para o mundo é prioridade para as escolas e dever dos docentes que devem inserir em suas aulas, textos motivadores e criativos que fujam do estabelecido e desperte no aluno uma visão diferenciada e instigante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar do indígena é mergulhar em águas profundas e caudalosas, uma vez que se tem muito a descobrir dessa cultura tão cheia de nuances e surpresas, que sofre constantes transformações. A história do autóctone começa sendo relatada pela visão do outro, de acordo com a perspectiva do não indígena, e sofre modificações ao longo da História. Nos dias atuais, o indígena toma voz e escreve suas próprias obras com toda sua riqueza e especificidade cultural. É importante que obras desta natureza sejam lidas e analisadas dentro das salas de aula do ensino fundamental uma vez que

proporcionarão aos alunos um novo modo de fazer a leitura do outro e assim se debruçar e se encantar com as narrativas dos povos originários.

A partir dos séculos XX e XXI, desponta a Literatura Indígena ou Nativa, ou seja, escrita pelo próprio indígena, que tem, “na palavra escrita”, uma arma para desfazer estereótipos criados durante séculos de enganos em relação ao povo indígena. Esse tem, “na palavra escrita”, uma forma de luta e reafirmação. Desse modo, são produzidos artigos, poemas, várias obras, entre outros textos, que relatam a cultura indígena com todas as suas especificidades e contam a história de um povo marginalizado durante séculos de História. A luta não cessa: além do arco e flecha como instrumento de luta o indígena utiliza, agora, a caneta, papel, pincel e meios tecnológicos para escrever e desenhar uma história anteriormente preta e branca, mas que se torna cada vez mais colorida pelas palavras vindas de suas tradições, que antes eram passadas somente de geração em geração por meio da oralidade, mas que, nos dias atuais, estão sendo escritas e divulgadas de diversas formas.

Ressalta-se que ler nas linhas e entrelinhas é o maior desafio que se pode ter ao estudar as obras de Olívio Jekupé. As palavras, escritas em Português e Guarani, tornam a obra híbrida e faz com que o leitor, por meio de um glossário presente no final da obra, conheça vocábulos em Guarani. Sons, imagens, palavras, cores, desenhos, sensações gustativas e auditivas se arremessam em direção ao leitor na leitura de cada página, criando diferentes sensações, transportando-o para um mundo de conto e fantasia.

As obras indígenas possuem identidades fluidas, uma vez que as tradições indígenas e ocidentais se misturam, recriando-se, a todo tempo, por meio da mescla de palavras em Português e Guarani e do uso da tecnologia a favor da sobrevivência cultural indígena, posto que os autores indígenas utilizam-se de meios digitais para editar seus livros.

O sujeito indígena é um indivíduo coletivo, que emprega diferentes pronomes para compor sua obra. Diferente do sujeito essencialista ocidental, que tem como marca a individualidade, o escritor autóctone usa o pronome de primeira pessoa “eu”, ora o do plural “nós”, ora a impessoalidade coletiva, e, dessa forma, o narrador nunca escreve sozinho e, por trás de sua obra, existem várias vozes, ou seja, de toda uma coletividade.

As textualidades indígenas constituem-se de estilos étnicos e pessoais, uma vez que, nas obras indígenas, a marca de identidade do nativo se mostra por meio de gravuras, de textos originários da tradição oral, de vozes, gêneros, narrações místicas, autobiografia. Essas textualidades promovem a comparação entre os olhares do nativo e do não indígena, conforme apresentado na figura do Saci, uma vez que, para o indígena, tais narrações fazem parte da sua história e a consideram algo intrínseco a ele. Tais textualidades se formam em um entrelaçar de estruturas, que se constituem no invisível e tomam forma e se fazem visíveis nas obras indígenas.

Apesar de as obras de Olívio Jekupé serem fragmentadas em pequenas histórias, há uma unidade, pois o autor relata o mítico que envolve as Narrativas Indígenas. Por conseguinte, pode-se afirmar que pensar a Narrativa Indígena é pensar a Literatura Nativa com todas suas nuances, que proporcionam ao leitor descobrir as várias facetas de que se constitui a cultura indígena.

Assim, se torna premente que as aulas de português e literatura sejam repletas de novas formas de perceber o mundo e quanto as obras indígenas contribuem para este novo despertar de consciência, imaginação e magia. É primordial que professores façam da leitura não uma atividade mecânica e técnica e sim permita que ela ressurgja no imaginário de quem a lê e possibilite a fantasia e o despertar para um novo modo de ver, ou seja, enxergar pelos olhos do outro ou, melhor dizendo, pelo olhar dos povos originários.

OLÍVIO JEKUPÉ: INDIGENOUS LITERATURE IN SCHOOLS

Indigenous literature reveals a world of magic and enchantment for students in the early years of elementary school. It is an opportunity for students to learn about the traditions and culture of the first people who inhabited our continent. The need to know indigenous writing becomes increasingly pressing since it is part of the identity of the Brazilian people. In this way, we will analyze the work of Olívio Jekupé, an indigenous Guarani who writes for children and young people and shows, in his books, a strong connection with the land, especially with aspects of nature, as well as the use of the Guarani Language with translation into Portuguese and the presence of many illustrations. The

reaffirmation of indigenous identity appears in the work through the use of the mother tongue, narratives, which present tradition, and the importance that images and colors assume in the stories. In this sense, the figuration of Saci, presented in confrontation with tradition, reveals a character integrated into nature, personifying the spirit of the forest. Students will have the opportunity to witness the indigenous people narrating their own story, previously narrated by anthropologists and sociologists, and now they propose to write the experiences of their people, which are passed on, orally, by the oldest people. Olívio Jekupé's work is an example of this literature, which makes it possible to stimulate the student's imagination, as it recreates all the cultural richness that surrounds the indigenous people, their love and great connection with nature.

Keywords: Indigenous Literature. Elementary School. Olívio Jekupé. Indigenous Identity.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **O Guarani**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é e como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASEMIRO, Sinclair Pozza. Mundo Guarani e Literatura. In: 2º ENCONTRO DE DIÁLOGOS LITERÁRIOS, 2., 2013, Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão: UEPR, 2013. p. 536-552. Disponível em: <https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/12/144.pdf>. Acesso em: 26 set. 2020.

Constituição Federal de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 de jun de 2021.

DIAS, Anair; MORAIS, Cláudia; PIMENTA, Viviane; SILVA, Walleska,. Minicontos Multimodais. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org).

Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.75 – 94.

FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. **TransInformação**, Campinas, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/3843/384334898007/>. Acesso em: 15 out. 2020.

GÊNESIS. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 4. (Edição Sociedade Bíblica do Brasil).

JEKUPÉ, Olívio. **O Saci verdadeiro**. Londrina: EDUEL, 2002a.

_____. **Iarandu**: o cão falante. São Paulo: Peirópolis, 2002b.

_____. **Xerekó Arandu**: a morte de Kretã. São Paulo: Peirópolis: Guarulhos, SP: Palavra de Índio, 2002c.

_____. **Verá**: o contador de histórias. São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____. **Ajuda do Saci Kamba`i**. São Paulo: DCL, 2006.

_____. **Arandu Ymanguaré** (sabedoria antiga). 5 ed. São Paulo: Evoluir, 2008.

_____. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo: Scortecci, 2009.

_____. **Tekoa**: conhecendo uma aldeia indígena. São Paulo: Global, 2011.

_____; KEREXU, Maria. **A mulher que virou urutau**. São Paulo: Panda Books, 2011.

_____. **As queixadas e outros contos guaranis**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2013.

_____. **500 anos de angústia**. São Paulo: Scortecci, 2015.

_____. **O presente de Jaxy Jaterê**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2017.

_____. **A volta de Tukã**. 1.ed. São Paulo: Kazuá, 2018a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. In: SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2020, p.61-68.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. da. **Histórias e Culturas Indígenas na Educação Básica**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

THIÉL, Janice Cristine. **Pele silenciosa, pele sonora**: a Literatura Indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

THIÉL, Janice Cristine. O saber indígena de narrar histórias. In: VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2007. p. 4.541-4.550. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-485-08.pdf>. Acesso em: 26 set. 2020.

VICTORIA, Liliana Patricia Torres. Del sujeto discursivo al sujeto de la acción. Prospectiva. **Revista de Trabajo Social e Intervención Social**, Universidad del Vale, n. 14, Oct. 2009. Disponível em: <http://revistas.univalle.edu.co/index.php/prospectiva/article/view/1090>. Acesso: 01 jun. 2020.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002.